



A IGREJA E A TORRE DOS CLÉRIGOS

Beatriz Hierro Lopes
Francisco Queiroz



IRMANDADE
DOS
CLÉRIGOS



THE CLÉRIGOS CHURCH AND TOWER

Beatriz Hierro Lopes
Francisco Queiroz



IRMANDADE
DOS
CLÉRIGOS



L'EGLISE ET LA TOUR DOS CLÉRIGOS

Beatriz Hierro Lopes
Francisco Queiroz



IRMANDADE
DOS
CLÉRIGOS



LA IGLESIA Y TORRE DE LOS CLÉRIGOS

Beatriz Hierro Lopes
Francisco Queiroz

INTRODUÇÃO

Em 2013, celebram-se os 250 anos da conclusão da Torre dos Clérigos. Em anteriores efemérides, haviam sido já feitas publicações comemorativas. Contudo, esta obra assume propósitos mais amplos, servindo, o 250º aniversário, sobretudo como pretexto. De facto, apesar de ser um dos mais conhecidos e visitados monumentos portugueses, a Torre dos Clérigos não havia ainda merecido um olhar simultaneamente monográfico e abrangente, congregado num só livro.

Considerada, desde há muito, como ícone do Porto, a Torre dos Clérigos não pode ser entendida sem a sua igreja, nem sem o volume arquitectónico que liga ambos os elementos. Três décadas foram necessárias para erguer todo o conjunto monumental, apesar de algumas obras posteriores, que pouco alteraram a sua essência. Amiúde, a edificação foi dificultada por problemas técnicos e obstáculos administrativos, os quais puseram à prova a tenacidade da Irmandade dos Clérigos, crucial para a concretização desta obra arquitectónica única e emblemática.

Há algumas décadas atrás, a referida Irmandade foi objecto de um estudo aprofundado, por parte do Padre Dr. Bernardo Xavier Coutinho, estudo esse que revelou muita informação ainda então desconhecida sobre a Igreja e Torre dos Clérigos. Em algumas publicações, sobre o Porto no período em que a torre foi erguida, ou sobre o respectivo arquitecto - Nicolau Nasoni, podem ser encontrados outros dados relevantes para a história deste monumento. Contudo, não havia ainda um livro que abarcasse todo o conjunto edificado, na perspectiva de constituir um guia que, contendo o essencial sobre a história da Irmandade dos Clérigos e sobre o seu complexo arquitectónico, incluísse também dados inéditos e curiosidades.

Efectivamente, mais do que um edifício de inegável génio, a Igreja e Torre dos Clérigos – o mais importante conjunto arquitectónico erguido na cidade em meados do Século XVIII – é a expressão clara da devoção e da vontade das gentes do Porto, que – ontem como hoje – se mantém quase inalterada. Testemunha histórica da passagem dos séculos e do espírito probo, austero, mas também festivo, dos seus habitantes, a torre remata a imagem impressionante de um centro histórico justamente reconhecido pela UNESCO, desde 5 de Dezembro de 1996, como Património Mundial.

Este livro organiza-se em seis capítulos. O primeiro capítulo aborda a fundação da Irmandade dos Clérigos, e a sua missão. O segundo, contextualiza historicamente o sítio onde foi construída a Igreja e Torre dos Clérigos. No terceiro capítulo, são esmiuçados factos e circunstâncias que levaram à edificação da Igreja dos Clérigos, assim como todo o processo da sua construção, a primeira fase de ornamentação do interior, a fundação da Capela de Nossa Senhora da Lapa e os primeiros arranjos exteriores à igreja. O quarto capítulo, incide na ampliação ao projecto inicial, que culminou na edificação da torre e das demais dependências da Irmandade dos Clérigos que hoje existem. Neste capítulo, são mencionadas também as mais relevantes obras de ornamentação do interior do complexo edificado, durante a segunda metade do Século XVIII, nomeadamente o retábulo em mármore da capela-mor, os órgãos e o cadeiral. No quinto capítulo, são abordadas as transformações que a Igreja dos Clérigos sofreu, durante o Século XIX. O sexto (e último) capítulo incide sobre as diversas alterações introduzidas na Torre dos Clérigos, desde a sua conclusão até aos dias de hoje.

Todos os capítulos fundam-se, quase inteiramente, na documentação histórica do bem organizado Arquivo da Irmandade dos Clérigos. Por tal facto, e porque este livro dirige-se ao público em geral,

optámos por não mencionar, no texto ou em nota, a referência à proveniência exacta dos dados. Essa proveniência é registada apenas no caso de dados não obtidos através do Arquivo da Irmandade dos Clérigos.

Refira-se que, no dito arquivo, não foi possível localizar alguns livros inventariados na década de 1980 por Maria Adelaide Meireles, cuja consulta seria fundamental para enriquecer este estudo e esclarecer várias dúvidas. Referimo-nos, sobretudo, aos livros com as cotas 13, 14, 15 e 17. O livro com a cota 15, em particular, seria de crucial importância para o conhecimento histórico da Igreja e Torre dos Clérigos, pois, supostamente, contém todas as actas da Mesa da Irmandade dos Clérigos, desde 1721 até 1834. Felizmente, outros autores chegaram a publicar dados tomados destes livros (cujo paradeiro actual se desconhece), nomeadamente, o Padre Dr. Bernardo Xavier Coutinho e o Bispo D. Domingos de Pinho Brandão. Aliás, D. Domingos de Pinho Brandão – que terá sido o último autor a publicar elementos baseados nos mencionados livros – alude ainda a um outro livro manuscrito, especificamente dedicado à obra do retábulo em mármore da Igreja dos Clérigos, que o referido prelado encontrara, não no Arquivo da Irmandade dos Clérigos, mas sim no Arquivo Diocesano do Porto, embora hoje também não subsista no respectivo Paço Episcopal. Deduz-se, portanto, que todos estes livros manuscritos, referentes à Irmandade dos Clérigos, tenham sido incorporados, por engano, na biblioteca pessoal de D. Domingos de Pinho Brandão, cujo inventário não se encontra feito, no momento em que escrevemos estas linhas. Esperamos, pois, que sejam localizados os referidos livros manuscritos, e, por conseguinte, num futuro breve, possam ser esclarecidas as principais dúvidas deixadas em aberto neste livro. Tais dúvidas dizem respeito, quase sistematicamente, à relação entre as despesas e as decisões que as originaram. De facto, vimo-nos na contingência de abordar muitos temas apenas sob o ponto de vista das despesas realizadas pela Irmandade dos Clérigos, por não termos tido acesso aos documentos originais que registaram as respectivas decisões. Ora, os autores que já se debruçaram sobre a Igreja e Torre dos Clérigos, e ainda puderam chegar a consultar os mencionados livros que se encontram em parte incerta, nem sempre produziram afirmações coincidentes com os dados que extraímos dos registos originais de despesa da Irmandade dos Clérigos. Em suma, ainda que se pudesse encerrar definitivamente um tema no âmbito da História, este livro nunca aspiraria a tanto, dadas as dúvidas que ficaram por esclarecer relativamente à Igreja e Torre dos Clérigos, e que só serão, quiçá, dissipadas com o acesso aos livros em falta no arquivo da Irmandade.

Nesta obra, optámos por actualizar a grafia das transcrições – reduzidas ao mínimo necessário – assim como abreviar as referências bibliográficas posicionadas ao longo do texto, podendo ser encontradas, as referências completas, no final do volume.

Todas as fotografias foram feitas pelo co-autor Francisco Queiroz, durante o ano de 2012 e o início do ano de 2013, salvo menção em contrário. Certas partes da Igreja e Torre dos Clérigos, e do seu recheio, receberam um posterior tratamento de conservação e restauro, que tais fotografias ainda não reflectem.

A cartografia foi elaborada propositadamente por Francisco Queiroz, para esta edição, com base em diversas plantas existentes no Arquivo Histórico Municipal do Porto e num levantamento da Igreja e Torre dos Clérigos, realizado pela extinta Direcção-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. No

que não diga respeito ao edifício da Irmandade dos Clérigos propriamente dito, esta cartografia foi simplificada e, por ter sido baseada no confronto de diversas plantas parcelares, nem sempre rigorosas nos alinhamentos, ou sequer congruentes entre si, deve ser tomada como mera hipótese. Ulteriores estudos sobre a história do urbanismo desta zona da cidade, nomeadamente com recurso a sondagens arqueológicas, serão essenciais para rectificar e conferir maior rigor à referida cartografia.

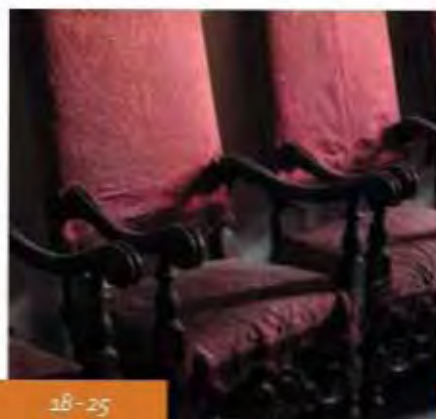
Tributamos a nossa gratidão ao Vigário Geral da Diocese do Porto, e Juiz-presidente da Irmandade dos Clérigos, Padre Américo Aguiar, pela oportunidade e honra, que nos deu, de rever, actualizar e aprofundar o conhecimento sobre um dos mais interessantes monumentos portugueses, ao qual estiveram até ligados alguns antepassados dos autores deste livro.

Manifestamos, igualmente, o nosso agradecimento aos vigilantes da Igreja e Torre dos Clérigos, pela simpatia e presteza; assim como aos genealogistas, arquitectos, fotógrafos, historiadores de arte e coleccionadores de imagens antigas que nos esclareceram dúvidas, nos remeteram achegas e nos cederam interessantes elementos, documentais e visuais, nomeadamente: Nuno Resende (a quem devemos também a leitura final do “manuscrito”), José Huet de Bacelar, Nuno Borges de Araújo, Pedro Barros, José Ferrão Afonso, José Teixeira de Queiroz, André Varela Remígio, Rui Ferreira, Jorge Ricardo Pinto, Lourenço Correia de Matos, Joana Balsa de Pinho, Rodrigo Wenceslau Castelo-Branco Sarmento, Hélder Pacheco, João Guilherme Rodrigues, e Manuel Sarmento Pizarro. Ao Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P.), devemos também a cedência de algumas imagens.

Pelas facilidades concedidas, e pela ajuda prestada, agradecemos ainda a: Adriano Araújo, Juan Carlos Gargallo (Instituto de Promoción Cerámica), Manuel Margarido, Margarida Mesquita Guimarães (*Porto Vivo*, SRU), Natália Marinho Ferreira-Alves, Nuno Guerreiro, Sara Ventura de Melo Furtado da Cruz, Frederico Ancede, e João Carlos da Paz Carvalho (Arquivo Diocesano do Porto).

Porto, Maio de 2013

Os autores



18-25

1. A IRMANDADE DOS CLÉRIGOS

1.1 A missão e a organização da Irmandade dos Clérigos



26-51

2. O SÍTIO

2.1 O Campo do Olival, a Cruz da Cassoa e o Adro das Enfermadas
2.2 Os terrenos onde se ergueu a Igreja e Torre dos Clérigos
2.3 O embargo interposto pelo Padre Inácio António Coutinho
2.4 O apeamento da Cruz da Cassoa
2.5 A doação de 1731
2.6 A decisão de construção da igreja
2.7 O pedido de licença para se erguer a igreja e a sua inserção urbana



52-151

3. A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DOS CLÉRIGOS

3.1 A aprovação da planta (1731)
3.2 Nicolau Nasoni – o autor do projecto
3.3 O contrato para a edificação da igreja (1732)
3.4 A festa da colocação da primeira pedra
3.5 A substituição do mestre das obras da igreja e a posterior suspensão dos trabalhos
3.6 O financiamento da primeira fase das obras da igreja
3.7 A aceitação de irmãos seculares
3.8 O retomar das obras da igreja e o seu financiamento
3.9 Contratempos na construção da igreja
3.10 As primeiras muralhas (1748)
3.11 A conclusão das abóbodas e da frontaria da igreja (1749-1750)
3.12 A planta da igreja
3.13 A obra de pedraria do interior da igreja
3.14 Os púlpitos e as grades em talha dourada da nave da igreja
3.15 Os primeiros retábulos e suas imagens (1748-1753)
3.16 As relíquias de Santo Inácio e o primitivo retábulo-mor
3.17 A obra da escadaria e sua balaustrada (1750-1751)
3.18 A construção da Capela de Nossa Senhora da Lapa
3.19 Os alçados da Igreja dos Clérigos
3.20 Efeitos urbanísticos da construção da Igreja dos Clérigos
3.20.1 A mudança da Capela do Senhor do Adro
3.20.2 A demolição das torres do muralha
3.20.3 A remoção de um cruzeiro da Via Sacra



152 - 269

4. A AMPLIAÇÃO DA IGREJA E CONSTRUÇÃO DA TORRE

- 4.1 A reformulação do projecto da igreja
- 4.2 As obras de construção da nova enfermaria e o arranque da edificação da torre sineira
- 4.3 A construção da nova capela-mor e a conclusão da torre sineira
- 4.4 As imagens dos nichos da torre e da frontaria da igreja
- 4.5 A singularidade da Torre das Clérigas
- 4.6 Os primeiros sinos da Torre das Clérigas (1759-1763)
- 4.7 A sapata de granito em volta da igreja e a estátua de S. Miguel Arcanjo
- 4.8 O edifício da Irmandade das Clérigas
- 4.9 A primeira fase de ornamentação da sacristia, da casa do despacho e da enfermaria
- 4.9.1 O retábulo da enfermaria
- 4.9.2 A porta principal da sacristia e o seu retábulo
- 4.9.3 O retábulo da casa do despacho
- 4.10 A reforma da capela-mor e o novo retábulo (1767-1779)
- 4.10.1 A primeira fase das obras
- 4.10.2 A segunda fase das obras
- 4.10.3 Descrição do retábulo-mor
- 4.11 Os órgãos e o cadeiral da capela-mor (1773-1779)
- 4.12 A sagração da Igreja das Clérigas (1779)
- 4.13 O apetrechamento da igreja e de outras dependências da Irmandade, nas décadas de 1770 e 1780
- 4.13.1 O arcaz da sacristia
- 4.13.2 O tecto da sacristia
- 4.14 O retábulo da Capela de Nossa Senhora da Lapa

- 4.15 A fachada da Capela de Nossa Senhora da Lapa
- 4.16 As alterações na galilé da Igreja das Clérigas
- 4.17 Outras obras, em finais do Século XVIII
- 4.17.1 A fundição de sinos para a torre
- 4.18 A questão das sepulturas
- 4.18.1 A doença e morte de Nicolau Nasoni
- 4.19 O abastecimento de água à Irmandade das Clérigas

- 5.6.4 O Senhor da Pedra Fria
- 5.6.5 O altar de Nossa Senhora das Dores
- 5.6.6 A reparação da abóbada e as grades de ferro do interior da igreja
- 5.7 Obras de finais de Oitocentos
- 5.7.1 Os tectos em estuque da igreja
- 5.7.2 A renovação estética da Capela de Nossa Senhora da Lapa
- 5.8 Os benfeitores da Irmandade das Clérigas
- 5.9 A questão do cemitério privativo
- 5.10 Os residentes no edifício da Irmandade das Clérigas



270 - 347

5. A IGREJA DOS CLÉRIGOS NO SÉCULO XIX

- 5.1 O desmantelamento do Adro das Enforcadas
- 5.2 A alteração à escadaria da igreja e a abertura da Rua da Assunção
- 5.3 Consequências da abertura da Rua da Assunção
- 5.4 As obras da escadaria, em 1827
- 5.5 A continuação da sapata em volta do edifício da Irmandade e a sua vedação
- 5.5.1 As grades das escadas da igreja
- 5.5.2 O alargamento da Rua da Assunção
- 5.5.3 A conclusão do gradeamento e a nova escadaria da fachada da torre
- 5.6 Obras da primeira metade de Oitocentos no interior da Igreja das Clérigas
- 5.6.1 O novo órgão (1803)
- 5.6.2 O retábulo do Santíssimo Sacramento (1812)
- 5.6.3 O douramento do retábulo do Santíssimo Sacramento e o desmantelamento de dois altares



348 - 375

6. A TORRE DOS CLÉRIGOS NOS SÉCULOS XIX E XX

- 6.1 O Cerca do Porto
- 6.2 A instalação do relógio proveniente do Convento das Lóias
- 6.3 Os sinais da chegada dos paquetes
- 6.4 A mendiana
- 6.5 As tempestades
- 6.6 O pára-raias
- 6.7 A Torre das Clérigas como atracção turística
- 6.8 As escadarias
- 6.9 O novo relógio